

nhecimentos em cursos de habilitação magistério. Temos nos proposto formas de trabalho que admitem múltiplos pontos de partida desde a análise de entrevistas e observações de situações formais de ensino, até o estudo de obras literárias que reconstruem os processos de formação intelectual e/ou escolar. A utilização desses recursos, simultaneamente ao tratamento dos textos consagrados e de textos críticos da área, converge para o desenvolvimento de uma percepção que concebe a situação de ensino como determinada por elementos que se dispersam na origem, mas que se entrecruzam para produzir as QUESTÕES, as definições, os problemas e o discurso da DIDÁTICA.

Desse modo, entendemos que a disciplina DIDÁTICA tal como temos tentado desenvolvê-la só pode ser plenamente entendida na perspectiva de um desdobramento que se preocupa em examinar a construção dos "saberes" sobre ensino buscando, ao mesmo tempo, compreender o discurso em que se expressa e as práticas que engendram e são orientadas por esse mesmo discurso. E é exatamente este o sentido do exame proposto pelas QUESTÕES DE TEORIAS DE ENSINO.

## A didática na licenciatura

Selma Garrido PIMENTA \*

Neste texto pretendemos colocar ao debate algumas de nossas reflexões sobre a Didática nos cursos de Licenciatura, que temos desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Iniciamos com algumas considerações sobre a Licenciatura enquanto curso de formação de professores. Em seguida, para situar a Didática na Licenciatura, examinamos brevemente o que denominamos de Variantes da Didática na Licenciatura da FE-USP (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo).

É nossa expectativa, neste debate, colhermos contribuições para o desenvolvimento de nossa reflexão e de nosso trabalho.

### A licenciatura

O exercício da profissão de professor requer preparo. Ser professor não é tarefa simples. Entendemos que essa preparação se dá tanto ao nível da formação em instituições e cursos especializados, quanto no processo de exercício direto da atividade profissional nas escolas, nas associações profissionais, enfim, na prática do exercício profissional. Embora tendo funções específicas, essas instâncias da formação não são dissociadas. Os cursos de formação devem ter a prática profissional como ponto de partida e essa, por sua vez, deve se alimentar das reflexões realizadas nos cursos de formação.....

A docência como as demais profissões, é historicamente construída – ou seja, constituídas em determinados momentos como respostas a determinadas necessidades postas pelas sociedades. Há profissões que deixaram de existir. Há outras, hoje, que são recentes. É a dinâmica social que possibilita a emergência de profissões e requer que se modifiquem internamente para responderem a novas demandas. O que provoca alterações também no preparo para o exercício profissional.

Estas considerações apontam para o caráter dinâmico da profissão como prática social. Os critérios para a preparação dos profissionais são emergentes da análise constante das necessidades colocadas pelas demandas sociais. Nesse sentido, tem sido pouco eficiente organizar-se cursos pautados no estudo dos "perfis" profissionais e na "análise das funções" – (teoria de traços e fatores).

(\*) Professora Doutora do Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Texto escrito com a colaboração de Marli E.D. André e Sonia Teresinha de Sousa Penin da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

No caso da educação constatamos que ao crescimento quantitativo dos sistemas de ensino não tem correspondido um resultado formativo (qualitativo) adequado às exigências da população envolvida, nem às exigências da demanda social. O que coloca a importância de redefinição de uma nova identidade profissional do professor, adequada às necessidades formativas de uma escola obrigatória voltada para toda a população.

Entendemos ser este o referencial nuclear para as propostas dos cursos de formação de professores. Estes, entre nós, tem se dado em três instâncias: na Escola Normal, nas Licenciaturas Específicas e na Pedagogia. Nos deteremos neste texto, nas Licenciaturas Específicas.

Entendido como curso de formação de professores para as áreas específicas no ensino de 1º e 2º graus, a Licenciatura vem se desenvolvendo em torno do esquema tradicional de 3 + 1. Isto é, três anos de formação na área específica, desenvolvida nos Institutos específicos, acrescidos de um ano de formação na área pedagógica, desenvolvida na Faculdade de Educação. Nesta, estuda-se alguns fundamentos da educação, da Didática, das Metodologias e Práticas de Ensino e da organização e funcionamento dos sistemas de ensino.

Os problemas internos a este esquema bem como sua insuficiência para formar o professor necessário às demandas sociais postas pela democratização do ensino, tem sido amplamente apontados por estudiosos brasileiros no último decênio. De modo sintético, é possível apontar os seguintes aspectos:

a) a formação nas áreas específicas não tem sido considerada como parte do processo de formação de professores. Conseqüentemente os Institutos têm, nos seus currículos, separado, a preparação do professor e a preparação do profissional na área específica, preocupando-se mais com esta última e delegando a primeira para outras instâncias, não assumindo-a como de sua responsabilidade;

b) em decorrência, tem ficado sob a exclusiva responsabilidade das Faculdades de Educação a formação do professor. Essa visão traz como seqüência uma ruptura entre a formação pedagógica e a formação específica na área, quando o desejável seria a articulação entre ambos;

c) no interior da parte pedagógica, por sua vez, também constatam-se as várias dimensões, seja entre os próprios fundamentos da educação, seja entre estes e os fundamentos didático-metodológicos, e ainda entre aqueles e a prática de ensino.

d) não raro, os cursos de Licenciatura tem ignorado a realidade do exercício profissional, perdendo de vista as demandas sociais para o mesmo.

Concomitantemente à identificação desses problemas, soluções tem sido apresentadas e ensaiadas tanto no sentido de variantes ao próprio esquema 3 + 1, quanto no sentido de novas formas de organização dos cursos de Licenciatura.

Quanto a essas variantes alternativas, vários cursos tem assumido a formação de professores iniciando-se já no 1º ano de graduação, dando um tratamento ao mesmo tempo pedagógico à área específica, incorporando atividades de prática de ensino no processo do curso.

Concordando com essas iniciativas inovadoras, entendemos a Licenciatura como um processo de formação de professores situado no quadro da problemática educacional mais geral. Isso faz com que a Licenciatura seja objeto de preocupação da Faculdade de Educação, além dos Institutos Específicos. Nesse sentido, entendemos que a Licenciatura deve se constituir num projeto conjunto de formação de professores. Entendemos, inclusive, que dada a especificidade das áreas de conhecimento e dos próprios Institutos, numa mesma Universidade é desejável que se tenha várias formas de operacionalizar o mesmo projeto, resguardadas as responsabilidades dos Institutos e da Faculdade de Educação nesse processo de formação.

Entendemos que alguns princípios devem nortear o projeto de formação de professores, lembrando que o básico é sua articulação com as necessidades sociais que se põem hoje. Tais princípios são:

a) Teoria e prática compõem uma totalidade. O que se encontra normalmente nos cursos de Licenciatura é uma estrutura curricular pautada numa seqüência onde "primeiro se dá a 'teoria' e depois se dá a 'prática'" (no final do curso, se houver tempo), senão, o aluno só terá mesmo "prática" quando for trabalhar.

Assumir a indissociabilidade teoria e prática requer pensar outra racionalidade para o currículo, bem como outras formas de tratar os conhecimentos (os específicos e os pedagógicos). Na realidade teoria e prática estão acontecendo ao mesmo tempo. A intervenção na realidade supõe a produção de conhecimentos necessários – ou seja, pela pesquisa chega-se à produção de conhecimentos necessários à intervenção na prática. Assim, nos cursos, as atividades configuradas como estágios, visitas, práticas, aulas, laboratório, deverão ser atividades do curso de Licenciatura como um todo e não exclusivas das disciplinas hoje denominadas "práticas".

b) O segundo princípio refere-se à importância da fundamentação teórica na formação do professor. Aparentemente contraditória à primeira afirmação, entendemos aqui que a apreensão da realidade não ocorre de maneira mecânica, imediata, mas supõe o concurso da teoria. O equilíbrio e a articulação entre as disciplinas de fundamentação teórica e as de fundamentação prática se faz necessário, na perspectiva da formação de um professor que dê conta de trabalhar a realidade de maneira indissociada (teórica e prática).

c) Entendemos, por fim, que o desenvolvimento do projeto comum ao Curso de Licenciatura supõe um trabalho interdisciplinar, ou seja, um planejamento articulado das disciplinas a partir da interlocução entre os profissionais das várias áreas do conhecimento.

Esse é um caminho para a superação das fragmentações identificadas, na perspectiva de um projeto de formação que responda de modo mais eficaz às necessidades colocadas pelas atuais demandas sociais.

## A didática na licenciatura

Tradicionalmente a Didática tem se colocado nos cursos de Licenciatura como uma disciplina "prática" na formação, traduzindo no seu interior a dicotomia teoria-prática.

O movimento de questionamento da Didática, iniciado no início da década de 80, vem discutindo o papel da Didática na formação de professores. As análises feitas levam à sua negação, à sua exaltação ou, superando ambas, à configuração de uma nova relevância (Candau, 1983)<sup>1</sup>, colocando-a como "um modo crítico de desenvolver uma prática educativa, forjadora de um projeto histórico que não se fará tão-somente pelo educador, mas pelo educados, conjuntamente com o educando e outros membros dos diversos setores sociais, (...) apresentando-se como o elo tradutor de posicionamentos teóricos em práticas educacionais". (Luckesi, 1983)<sup>2</sup>.

Para além das denúncias críticas e do anúncio de um dever ser da Didática, qual tem sido, nos últimos anos, o seu papel nos cursos de Licenciatura? As críticas tem sido traduzidas neles? Como? Quais propostas têm sido apresentadas? Quais os avanços em termos de novas formulações para essa área do conhecimento?

Sem pretender esgotar a temática e ainda carecendo de dados empíricos sistematizados<sup>3</sup>, nos parece ser possível, de um lado, configurar alguns avanços e, de outro, delinear algumas variantes teóricas presentes nesses avanços.

Antes de passarmos à consideração dos mesmos, parece-nos possível afirmar que em todos há o consenso de que o objeto de estudos da Didática é o ensino.

Numa primeira garimpagem identificam-se as seguintes variantes didáticas:

1. Uma primeira variante é aquela que parte da crítica à Didática, apontando no seu conteúdo tecnicista e/ou humanista a eficácia ideológica do mito da neutralidade. Os programas propostos a partir dessa crítica substituem o conhecimento teórico/humanístico pelos conteúdos das áreas de fundamentos da educa-

(1) Cf. CANDAU, V. *A didática e a formação de educadores – da exaltação à negação: a busca da relevância*. In: CANDAU, Vera, org. *A didática em questão*. Petrópolis, Vozes, 1983.

(2) Cf. LUCKESI, C. *O papel da didática na formação do educador*. In: CANDAU, Vera, org. *A didática em questão*. Petrópolis, Vozes, 1983.

(3) Um estudo que apresenta-se nessa direção é o de VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *A Prática Pedagógica do Professor de Didática*. Campinas, Papirus, 1989.

ção, especialmente da História e da Filosofia da Educação. Incorporam contribuições da Política e Sociologia educacionais para explicitar o caráter ideológico da Didática.

2. Uma segunda variante, considerando os temas didáticos (finalidades do ensino, relação professor-aluno, métodos de ensinar, etc.) elabora um programa que examina as diferentes concepções de diferentes autores ao longo da História da Pedagogia, procurando evidenciar as suas vinculações com as sociedades de então e as contribuições dos mesmos para os problemas educacionais postos pela realidade contemporânea.

3. Uma terceira variante é aquela que faz uma abordagem cultural da Didática. Considerando o ensino, objeto de estudo da Didática, como uma manifestação da cultura, o programa enfatiza a reflexão do aluno sobre os temas-problemas da cultura contemporânea.

4. Uma quarta variante que valorizando a ação, parte do pressuposto que os futuros professores desenvolverão novas (e necessárias) maneiras de ensinar na medida em que vivenciarem novas maneiras de aprender. Esta variante valoriza a reflexão conjunta de professores e alunos sobre as práticas docentes vivenciadas e/ou observadas por eles. Objetiva o resgate pelo professor do controle sobre o processo e o produto de seu trabalho, que lhe foi expropriado pelas condições de trabalho nas escolas.

A reflexão sobre a prática estará respaldada na compreensão das mesmas como determinadas pelos aspectos históricos, políticos e sociais do processo educativo.

5. Uma quinta variante parte da ênfase colocada no ensino, o que tem possibilitado o entendimento do mesmo como aquele que ocorre na aula. Esta variante sugere a retomada, nos programas de Didática, do estudo dos elementos de condução e organização da aula.

Num outro aspecto, esta variante pode ser identificada com a valorização de novos referenciais epistemológicos no ensino, como a psicogênese e sociogênese, entendendo que o problema básico do ensino é o conhecimento – daí o questionamento das teorias do conhecimento.

Ao procedermos a esse esboço das variantes didáticas que configuram o avanço não é nosso objetivo confrontá-las, cerceá-las, demovê-las, rebatê-las, enfim. Ao nível precário de elaboração que nos encontramos importa-nos tão somente identificá-las (ou começar a) para que se possa, na configuração dos avanços, nos colocarmos em atitude de constante reflexão sobre o conhecimento que emerge como condição mesma de produzir-se novos avanços.

## A didática na licenciatura na FEUSP

Em termos de formas de cursos encontramos-nos em fase de discussão interna com os Institutos e com a Universidade como um todo na perspectiva de avaliação do existente e debate de novas propostas.

Em termos da Didática temos alguns consensos. Para explicitá-los começamos nos valendo da contribuição de Maragliano e Vertecchi (1986):

"Em que direção movimentar-se para identificar um plano teórico capaz de conferir organicidade à interpretação do trabalho educativo? Apresentam-se duas possibilidades: a primeira, que achamos deva ser rejeitada, é a negação de um referencial teórico para a didática em nome da superioridade qualitativa de uma problemática educacional totalmente superestrutural; a outra, que, por enquanto, é somente uma hipótese, consiste na identificação de um espaço intermediário entre a afirmação das idéias e a prática do trabalho, no qual possa ser recomposta a tradicional cisão entre a riqueza das formulações gerais sobre a escola e a pobreza das opções cotidianas do "dar aula"<sup>4</sup>.

Em substância, estamos tentando redefinir a Didática. Entendendo-a como área de conhecimento que tem como objeto de estudo o ensino e que a destinação do ensino é lidar com o conhecimento. Que o ensino se dá em condições concretas, por isso tem múltiplas determinações. Que o ensino não se restringe à sala de

---

(4) MARAGLIANO, R. e outros. *Teoria da Didática*. São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1986, p.19.

aula (embora a tenha como espaço privilegiado). Que a aula é determinada por e determina a organização do trabalho na escola (e a sociedade mais ampla). Que a aula é uma "situação de ensino" como o são outras. Que as "situações de ensino" são objetos de estudo da didática – são "situações didáticas – determinadas e determinantes – que, portanto, contém síntese – são "sínteses" – parte de totalidades.

Que o ensino (as situações de ensino) não devem ocorrer espontaneamente, mecanicamente, repetitivamente. Precisam ser organizadas em vistas de finalidades, objetivos, ações... Precisam ser planejadas – o instrumento para a organização das situações do ensino é o planejamento. Que o curso de Didática (teórico-prático) na Licenciatura é uma prática de planejamento. Nesse sentido a Didática é uma "situação-síntese" no curso de Formação de Professores.

### À guisa de conclusão

O curso de Didática na Licenciatura da FE-USP tem algumas certezas. E muitas dúvidas. A certeza que orienta a busca para as dúvidas é que o curso tem que contribuir para a melhoria qualitativa da escola pública que aí está.

## Didática e a formação de professor de 3º grau

Marcos Tarciso MASETTO \*

I. O Ensino Superior no Brasil destina-se à formação de profissionais nas diversas áreas de conhecimento: médicos, engenheiros, advogados, dentistas, sociólogos, economistas, pedagogos, psicólogos, assistentes sociais, administradores, professores de 1º e 2º graus, fonoaudiólogos, etc.

Esta formação se realiza através dos cursos de graduação e pós graduação, de pesquisa gerando novo conhecimento e de difusão do mesmo para a comunidade maior através principalmente da prestação de serviço profissional competente.

Tal trabalho de formação exige do Professor nele engajado conhecimentos, habilidades e atitudes específicas para ensinar.

O processo de seleção deste Professor leva em conta sua formação em nível de graduação e pós graduação, experiência profissional e produção científica anterior, sobretudo na área da docência, objeto de contrato.

Neste mesmo processo seletivo há um momento em que se busca verificar as habilidades pedagógicas e/ou didáticas do candidato na assim chamada "prova didática". Além de se constituir como uma situação artificial pelo momento em que acontece e pelas condições que a envolvem, esta "prova didática" não se coloca no mesmo nível de exigência das demais e não se apresenta como indicador seguro do desempenho satisfatório do candidato nas suas funções de ensino.

Para o exercício da atividade docente manifesta-se como exigência fundamental uma reflexão aprofundada, especializada e científica sobre a questão do ensino e de toda a problemática filosófica, sócio-econômica – política, psicológica, pedagógica e didática que lhe afeta.

No dizer de Libâneo (1991)<sup>1</sup>, "a formação do professor abrange, pois, duas dimensões: a *formação teórica-científica*, incluindo a formação acadêmica específica nas disciplinas em que o docente vai especializar-se e a *formação pedagógica*, que envolve os conhecimentos de Filosofia, Sociologia, História da

(\*) Professor do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Texto redigido com a colaboração de Nympha A. A. Sipavicius

(1) LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo, Ed. Cortez, 1991, p.27.